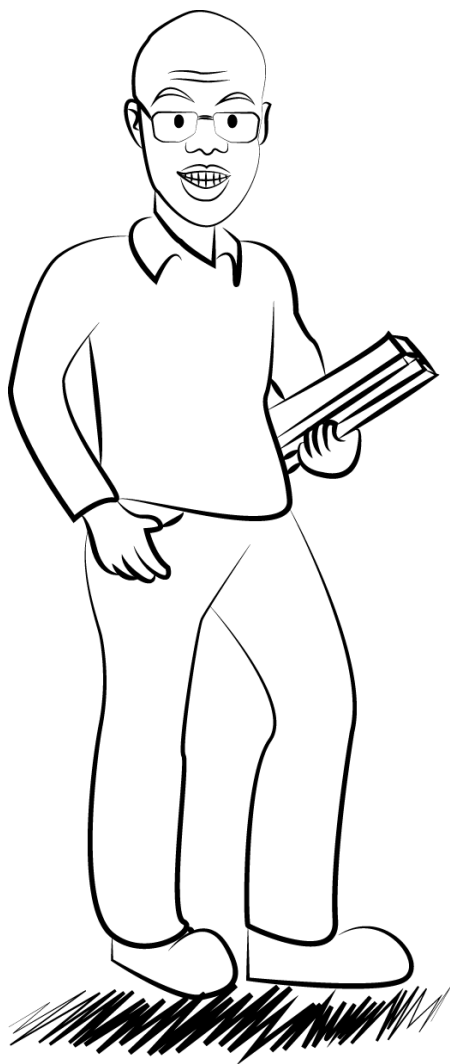


EU ESTOU MUITO FAMOSINHO!



POR: FELIPE RUFFINO

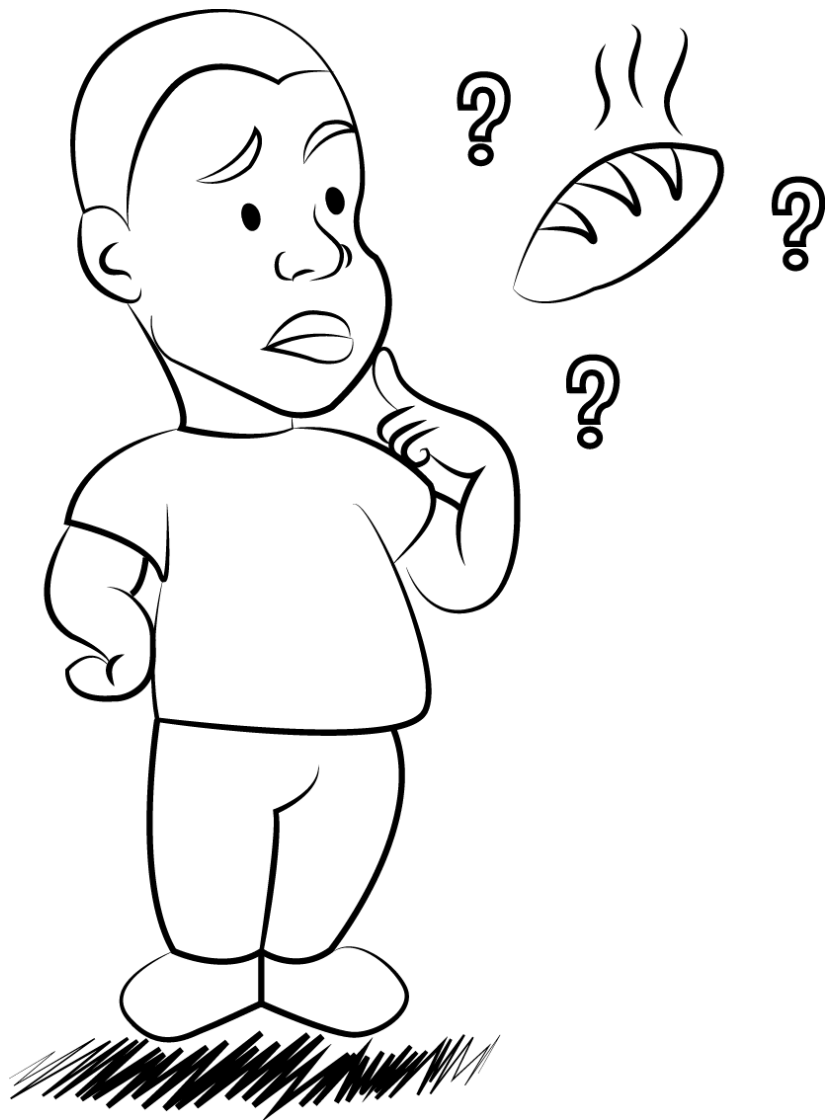
AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que me deu o dom da vida e a oportunidade de poder colocar no papel aquilo que estava arquivado na memória. E também a todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida, para que tudo um dia pudesse entrar nas páginas do meu livro.

DEDICATÓRIA

A todos os meus familiares, amigos e colegas de profissão. E a uma pessoa que foi a ponte para eu ser quem sou hoje e ter meu sonho de criança realizado. Minha avó Sandra!

QUEM SOU EU NA FILA DO PÃO?



Sempre fui muito sonhador. Talvez pelo fato de ser do signo de Peixes: imaginativo, sensível, intuitivo, penso nos demais. Assim como acha super difícil aceitar a realidade, o idealista mantém segredos e tem vontade de algo débil e faz de tudo para não se deixar levar pelos demais.

Segredos... Eis a palavra que me move muitas vezes. Gosto de estar sozinho para sonhar, do mistério, do ridículo, de me perder. O óbvio é para quem não pensa em mudar alguma coisa. Então, como não são todas as pessoas que pensam como eu, prefiro pensar só. Bem melhor do que escutar pessoas pedantes ou exibidas que tentam ser melhores do que os outros.

E foi assim que surgiu minha primeira obra. Esta que está em suas mãos e que foi escrita com muito carinho.

Literalmente juntei o útil ao agradável: a minha formação de jornalista com o gosto pela escrita e as

imaginações de um adolescente que queria ser e sentia famoso.

Coitado de mim, andava pela rua como se fosse um popstar que na verdade, ninguém sabia quem eu era na fila do pão. Ainda bem que tudo passa! Ou não...

Dizem que na vida temos que fazer certas coisas e uma delas é escrever um livro. Meu Deus... Consegui!

Em algumas pequenas crônicas, falo de como foi a minha infância e acho que muitos jovens irão se identificar com algumas destas histórias. Parece que para ser criança ou adolescente, temos que ser todos iguais e só mudar de endereço. Como a nossa mãe sabe? Todas formadas na mesma faculdade materna! Os filhos não são diferentes.

Quem é que nunca teve um sonho, uma paquera, um lugar e uma pessoa que marcou algum momento? Comigo não foi diferente. A partir das próximas páginas, vocês entenderão que tudo que

vivi foi saudável, mas que sou a prova viva de que eu nunca falarei: “Que saudade dos velhos tempos”. Porque vou ser bem franco: o tempo só me ajudou!

Se voltaria atrás? Só se fosse para dar umas três tapas de cada lado da face dessa pessoa chamada “Eu” e pedir para ele parar de ser ridículo!

**CASTIDADE, OBEDIÊNCIA E
POBREZA**



Minha vida no Ensino Fundamental foi bem bacana. Fiz bons amigos, adorava meus professores, todos eles gostavam de mim, minha mãe nunca foi chamada por conta de mau comportamento, tinha ótimas notas, representava a sala de aula quando a professora pedia e dançava representando a escola. SESI: o lugar aonde vivi as mais belas aventuras de criança. Vontade de voltar para a sala, confesso, eu não tenho. De viver tudo de novo com as pessoas que conheci....Também não. Prefiro estar da forma como estou agora (risos).

Eu era o aluno mais zuado da sala. Sabe aquele aluno que é pego para Cristo? O careta? O último a formar duplas ou entrar em algum grupo da sala? Tudo isso é resumido em uma única palavra: EU. Aquele que não pegava ninguém, não ia para as baladas com RG falso, não era chamado para todas as festas, não era o popular! Queria muito. Mas não era! Beijo? Nem sabia o que era! Pegar alguém atrás da escola era ser o fodão. No caso, esse não

era eu. Ficava até com vergonha quando me chamavam de BV, vulgo, Boca Virgem!

Ia e voltava todos os dias pensando em quem eu ia dar ideia, para ver se colava. Cada dia eu estava apaixonado por uma menina da escola. Atirava para tudo quanto é lado para ver se acertava alguém. Eu era o famoso “cego em tiroteio”. Quando me lembro dessas situações até penso o quanto era ridículo o que eu fazia. Pensa: dar cantada da mais feia até à mais bonita da escola e só levar toco de todas elas. D-E-R-R-O-T-A.

Então, a desculpa que eu dava era que meu sonho era ser padre. Votos de castidade, obediência e pobreza! Sim, era exatamente essa desculpa que eu dava! Era a única saída. Eu não era tão feio assim ao ponto de não ter beijado ninguém na época da escola, sabe? Até hoje não sei qual era o meu problema.

Quer saber mais o que fazia? Não perdia nenhum episódio da novela Malhação, para saber se

conseguia pegar alguns truques daqueles alunos que pegavam geral no colégio. FAIL! Eu continuava sendo o cabeção, que todo mundo conhecia, mas que não tinha moral nenhuma. Por isso que dizer que ia ser padre quando a professora perguntava o que queria ser quando crescesse, era a saída. – “Ah... o Felipe Douglas (sim... era assim que me chamavam) não pega ninguém porque vai ser padre. E padres não podem beijar ninguém!

Quando chegava a segunda-feira, sempre tinha o papinho de quem fulano beijou, quem pegou quem. Aonde eu estava nessa hora? Estava na M-E-R-D-A. Eu não tinha pegado ninguém, como entraria no assunto? Fazia qualquer coisa, menos dar um palpite sequer, para não ser o alvo das zueras. Só escutava para ver se aprendia algo para beijar pelo menos uma boca na vida.

Eu fiquei na mesma escola, exatamente, onze anos. Da primeira série até o terceiro ano do Ensino Médio. Não me lembro a data certa, mas no final do Ensino Fundamental, entrou uma aluna nova na

escola. Suzana. Loira, alta, cabelos longos, estilo skatista. Pronto... Aquele era o momento de tentar dar o primeiro beijo.

Ela entra na sala, senta atrás de mim, toda tímida, não conhecia ninguém. Faço aquela oração interna, peço para Deus me ajudar. Olho para trás, começo a puxar assunto e o papo dura a aula toda.

Fui para casa com aquela cara de otário quando acha que conseguiu alguma coisa, sabe? Porque para mim eu já estava namorando. É.... sou pegador... Peguei a aluna nova da escola, só não beijei ainda porque tudo vai acontecer na hora certa.

No segundo dia, não rolou, passou o terceiro, quarto, quinto, dois meses, três e nada. Eu não tinha beijado ela ainda. Mas a Suzana sabia que eu era a fim dela. Aliás, eu gostava de todo mundo. Só queria um beijo.

Quando ela faltava, era o fim do mundo. O pior era quando ela me pedia qualquer coisa e eu fazia.

Desde de um trabalho de escola até ir a qualquer lugar com ela, para encontrar alguém.

Na minha cidade, acontecia uma matinê todo domingo, que começava às 17h e acabava às 22h. Meu pai me levava, eu dava carona para a Suzana e mais um ou outro amigo. Me sentia o baladeiro, achava que estava ostentando.

Dava o horário de acabar a festa, nessa casa de eventos, meu pai já estava do lado de fora nos esperando. Sempre foi assim, toda semana enquanto o *Vegas Teen* funcionou. Esse era o nome da balada.

Mas tem uma coisa: se eu voltasse sozinho, poderia ter certeza que foi porque a Suzana tinha beijado alguém. Ah... Vai à merda! Ia comigo, pegava outro e queria voltar de carona? Nem pensar. Pega carona com outro, vai de táxi, a pé, a cavalo, ônibus, qualquer coisa menos comigo. Eu era bobo, mas nem tanto assim! No rolê, ninguém precisava saber que eu era o careta da escola.

Hoje eu e Suzana somos amigos, rimos de todas essas situações e de diversas outras. A forma como nos conhecemos foi engraçada, mas na época me fez sofrer muito. Porque achei que existia alguma coisa entre nós - só na minha cabeça, mas existia. Assim como existia com todas as meninas que só me viam como amigo.

Ah... E o primeiro beijo? Ainda não tinha acontecido! Nos próximos capítulos, conto como foi. Até o momento, havia colocado na cabeça que meus votos eram de Castidade, Obediência e Pobreza!

**SEREI PADRE QUANDO
CRESCER!**



Eu cismeiei que iria ser padre durante a minha adolescência toda, digo, até meus 15 anos de idade. Ué, não tinha beijado ninguém, ainda era o B.V (Boca Virgem) da escola, as meninas só se aproximavam de mim se fosse para serem minhas amigas. Que amiga o quê, eu queria era beijo na boca. Aceitava amizade se fosse colorida. Isso mesmo, amigos que se beijam. Como nem isso adiantava, a única coisa que coloquei na minha cabeça foi que iria ser sacerdote. Loucura, né?

Por ironia do destino, na catequese (havia esquecido de falar, né? Sempre fui muito fiel à igreja), meu catequista era o Elias. Seminarista, ou seja, estudava para ser padre. Tornou-se meu amigo de verdade. Aquele se me ensinava tudo o que eu precisava saber sobre a igreja, que falava que eu ia ser padre também, que me orientava, falava sobre Deus com toda a propriedade do mundo.

Uma vez me deu um colar que tinha uma cruz com três nós, que representava os votos que são feitos pelos religiosos: Castidade, Obediência e Pobreza.

Usava com tanta felicidade e me via um padre de verdade. Achava que os dez anos de estudo para estar em um altar fossem resumidos apenas naquele colar. Doce ilusão a minha.

Óbvio que aproveitei a amizade que tinha com ele para perguntar de tudo:

- Elias, padres não namoram? - perguntava.

- Claro que não, Felipe. Nós somos casados com Deus. - respondia.

- Não pode casar? Ter família? Beijar na boca? Alias você nunca beijou ninguém? - questionava.

Com toda a clareza do mundo ele me explicava tudo, nos mínimos detalhes.

- Sabe, Felipe, eu escolhi viver para Deus, me preocupar com outras coisas. Minha família é meu pai, minha mãe, meus irmãos de sangue e de coração, como você. Eu escolhi viver em oração. - explicava Elias.

Foram dois anos bem próximos desse cara que foi sempre meu orientador religioso. Lembro-me como se fosse hoje, ele se despedindo, porque estava indo para outro estado e eu não poderia vê-lo mais. Os choros foram constantes. Mas o que me confortou foi uma frase que guardo para sempre.

- Felipe, não é porque estou indo para outro lugar que vamos deixar de sermos amigos. Eu vou rezar por você todos os dias. Eu sabia que isso ia acontecer, é o seminário que decide onde e quando vou. Eu estarei com você o tempo todo, em oração. Prometo.

Não me recordo exatamente para onde ele foi. Só sei que depois de alguns meses, ele foi para a Itália, finalizar seus estudos para então realizar o sonho dele. Infelizmente, numa tarde, como de costume, ele foi correr na esteira no local onde estava, teve um infarto e faleceu. Tive poucas informações dele. Sei que voltou para Minas, cidade onde nasceu, para ser sepultado. E eu não pude dar meu último adeus.

Mas também foi ali que desisti de ser padre. Por consciência ou muita fé, pedia muito a Santa Rita de Cássia (santa de devoção da família), que confortasse a família dele e o meu coração. Até porque havia perdido um grande amigo. Entre uma oração e outra, pedia uma menina bonita para ser a minha primeira namorada. Eu não podia perder a chance de desencahar. Já estava rezando mesmo, não custava fazer mais um pedido.

Enfim....

Sei que algumas semanas depois, teria um retiro da catequese. Separei minhas coisas, acordei cedo, encontrei os jovens da igreja no caminho e fomos para nosso momento religioso que aconteceria na casa dos padres. Eram diversas pessoas, todas da mesma idade e de igrejas de bairros distintos. Foi bem bacana. Todos cantavam, dançavam, rezavam e eu já ficava pensando na hora do lanche. Eu confesso que fazia questão de levar meu prato de doce ou salgado, porque minha família sempre teve mão boa para essas coisas. Enchia a boca para

falar: *FOI MINHA MÃE QUE FEZ, FOI MINHA AVÓ QUE FEZ, FOI MINHA TIA QUE FEZ.*

Vai entender, eu estava num espaço para pedir perdão pelos pecados e já estava pecando por conta da vaidade.

Durante o retiro, no momento de oração, fiz meus pedidos particulares a Deus e também a Santa Rita, a santa de devoção da família. Pedia e agradecia, mas tinha o pedido especial: queria alguém para ser minha namorada. OH, DESESPERO!

A hora do lanche chegou, quando fui pegar o copinho com refrigerante, deixei cair na roupa de uma menina. Não.... Não é cena de novela, foi verdade mesmo. Ela só não brigou comigo porque era um evento de igreja, desculpar era mais que obrigação. Mas por incrível que pareça, esse leve incidente foi com uma menina que estudei na época de primário.

Feinha, coitada, cabelo ruinzinho. Ela ia todos os dias com o cabelo trançado, porque se soltasse.... ai

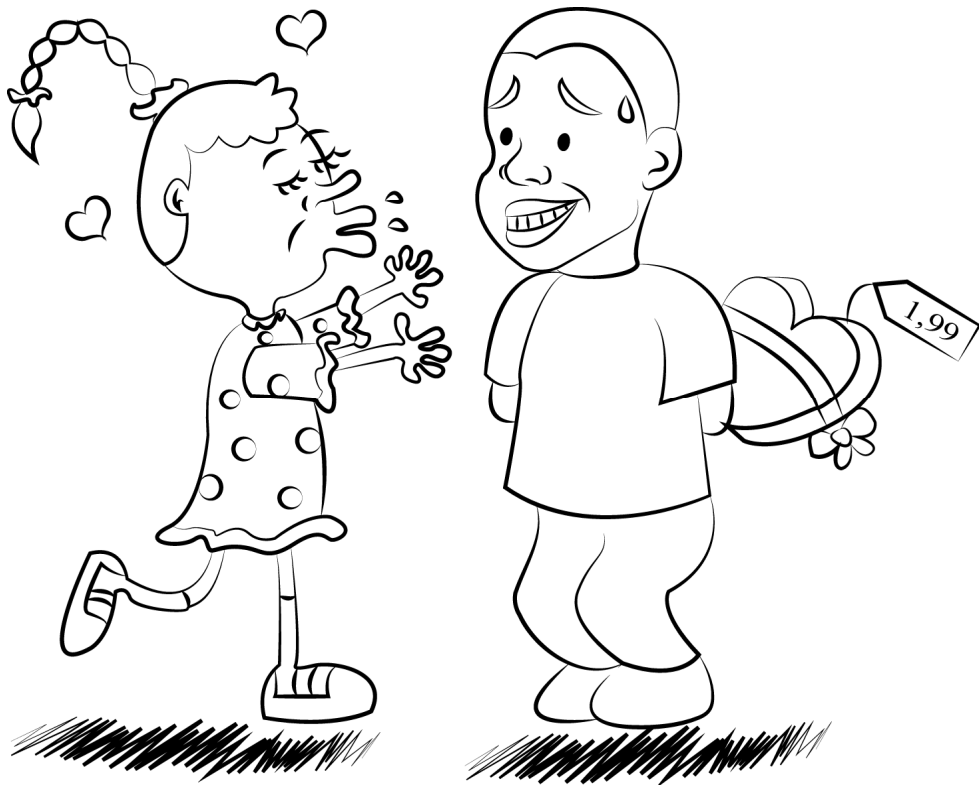
ai ai... Terceira Guerra Mundial na certa. Mas até que ela tinha melhorado um pouquinho.

Pedi desculpas, ela aceitou, lembramos um do outro, relembramos os velhos tempos, voltamos para o retiro, na hora de ir embora trocamos de número de celular e cada um seguiu seu caminho. Eu, todo contente, sorriso de orelha a orelha, parecia o coringa do Batman. Até agradei de novo à Santa. – Valeu, Santa Rita.... Fez uma para Deus ver, hein! (risos)

Cheguei em casa, adicionei a fulana no Orkut. E pronto, não paramos de nos falar e vimos que a partir daí.... Chegaria meu grande dia...

O primeiro beijo! Querem saber como foi? Com certeza no próximo capítulo eu conto como foi. Ué, estava há tempos querendo beijar a boca de alguém, então, nada mais justo do que preparar um espaço especial para contar os detalhes.

ERA FEIA, MAS ERA MINHA!



Lembro-me de poucas coisas da forma como marcamos de nos ver depois daquele retiro. De uma coisa eu tinha certeza, depois que já havia percebido que ia acontecer algo entre eu e ela, a vontade de ser padre já não existia mais.

Encontro marcado pelo Orkut, para uma sexta-feira, depois da aula, por volta da uma hora da tarde, na Praça da Matriz de Mogi das Cruzes.

Caraca... A hora não passava logo, estava todo sorridente, parecia que tinha ganhado na Mega Sena. Quando bateu o sinal para todos irem embora, coloquei meu material na mochila e lá fui eu ao encontro dela. Em segredo, sem ninguém saber. Queria beijar primeiro para depois contar para todo mundo.

O trajeto que eu fazia em quarenta minutos foi feito em vinte, só para poder ficar esperando ela chegar. E no horário combinado, vem ela. Nos cumprimentamos com um beijo no rosto e fomos para uma doceria. Cada um pediu um sorvete, e

como eu havia recebido cinquenta reais de mesada naquele dia, paguei a conta. Subimos as escadas e ficamos no andar de cima do estabelecimento escolhido pelos dois.

Conversa vai, conversa vem, meu sorvete acaba. Chega a hora de pedir o beijo. Aquela cena de ver os dois rostos se juntando parecia a conquista de algo quase impossível. O primeiro beijo foi dado, que emoção. Ninguém precisa saber que aconteceu aquela batida de dente, língua perdida, sem saber o que fazer, mas o beijo foi dado.

Na hora de ir embora, pegaríamos o mesmo ônibus, porque morávamos perto um do outro. Ela me deu a mão, mas eu fiquei sem jeito. Não estava acostumado ainda com essa ideia de ficar com alguém assim. Atravessamos a rua, e, quando cheguei do outro lado da calçada, fingi que precisava pegar algo na minha mochila, soltei a mão dela e pronto, estava livre daquela cena.

Ah... Sabe o sorvete dela, que eu paguei? Foi inteiro para o lixo. Ela nem queria. Por que me fez gastar dinheiro, então? Depois quando não pago nada para ninguém, me chamam de pão duro. Na verdade, é trauma de gastar dinheiro à toa.

Ficamos por um bom tempo, só que não falava para ninguém. Tinha vergonha, sabe? Ela não era bonita. Era feia, mas era minha primeira namorada. Quando meu amigo da escola me viu com ela, tirou com a minha cara até eu me formar. Mas, mesmo assim eu a defendia. O pior de tudo foi quando ela saiu na capa do jornal, na manifestação de alguns estudantes da escola dela. A galera da minha sala nem tirou uma comigo, né?

E o primeiro Dia dos Namorados foi hilário. Fui até o supermercado, comprei uma caixa de chocolates em formato de coração, comprei a embalagem, fiz uma cartinha e aguardei a data. Fomos nos encontrar no mesmo lugar de sempre: a Praça da Matriz.

Fomos até uma rua sem saída, para que ninguém visse aquela cena, que para mim era o fim. Entreguei o presente dela, ela abriu a bolsa e entregou o meu. Quando retirei a embalagem, era uma caixa de chocolate em forma de coração. **D-E-R-R-O-T-A**. Eu sabia o valor do presente, que droga! Comecei mal.

Não sei como foi exatamente, mas depois de algum tempo, exatamente três meses, já estava cansado de alguém no meu pé, eu era muito novo e queria minha vida normal, como sempre foi. E não queria mais as pessoas me zuando porque eu estava com uma pessoa feinha. Eu nem gostava dela de verdade, só queria poder falar que tinha uma namorada. Mas esse lance de enganar as pessoas não é legal. Então coloquei um fim no relacionamento. Mas uma meta foi cumprida: o primeiro beijo foi dado. E valeu a pena também, porque conheci uma pessoa com uma beleza interna, super bacana, inteligente. Hoje sei que ela já viajou para outros países, está prestes a se formar

na Universidade Federal, corre atrás do que quer e
está com uma pessoa que combina mais com ela.

FEIA!

BENÇA, VÓ... BENÇA, VÔ!



Se tem uma pessoa que eu amo de paixão e apoia tudo que faço é minha Avó Sandra. Claro, meu Avô José, vulgo Zé Maria, é um paizão para mim também. Os dois são mineiros, de Barbacena, conhecida como a cidade dos loucos. Antes de eu nascer, tiveram uma vida difícil, resolveram tentar a vida em São Paulo e acabou dando certo. Fui o primeiro neto deles, então vocês já imaginam o quanto me tratam que nem príncipe até hoje. E tem uma coisa que levo até hoje comigo, tomar “bença” na hora que chego e na hora que saio da casa deles. É até bonito de se ver.

Eu praticamente morava com eles. Minha avó era quem me dava café, me levava para a escolinha, me buscava, dava almoço. Enfim, cuidava de mim. O meu primeiro microfone que gravava, o violão, roupas e conjuntos, livros, brinquedos, entre outras inúmeras coisas, foi ela que me deu de presente. Nossas conversas eram duradouras, como são até hoje. Ficaria horas e horas falando sobre ela. O meu verdadeiro anjo da guarda. Existe uma oração

que ela me ensinou quando criança que faço até hoje:

*- Santo Anjo do Senhor, meu zeloso e guardador,
se a ti me confiou a piedade divina, sempre me
rege, me guarde, me governe, me ilumina, amém!*

Sem essa oração, nada de ir para a escola. Precisava fazer todos os dias, na descida da escada da casa dela.

Meu avô, uma figura. Ele perdeu parte da audição quando ainda era caminhoneiro. Mas escutava mais que eu e muita gente junta (risos).

Se um dia pedissem uma música que me fizesse lembrar dele, falaria na hora uma que ele me ensinou, era exatamente assim:

*Me disseram que ela foi vista com outro
Num fuscão preto pela cidade a rodar
Bem vestida igual à dama da noite
Cheirando a álcool e fumando sem parar*

*Meu Deus do céu, diga que isso é mentira
Se for verdade esclareça por favor
Daí a pouco eu mesmo vi o fuscão
E os dois juntos se desmanchando em amor*

*Fuscão preto você é feito de aço
Fez o meu peito em pedaços
Também aprendeu a matar
Fuscão preto com o seu ronco maldito
Meu castelo tão bonito
Você fez desmoronar*

(Milionário e José Rico)

Ele fazia de tudo por mim também. Algo que era de lei: o carrinho de rolimã, pintado e com meu nome nas épocas de férias. Todos da rua ficavam com ciúmes. E ele só fazia para mim. Ninguém podia me copiar. Acho que é por isso que os meus vizinhos me acham um fresco. Nem ligo!

Foram tantos momentos bons que os meus olhos enchem de lágrimas só de lembrar. Queria que eles

fossem eternos. Porque é com eles que me abro, choro, conto tudo. Mais para eles do que para meus pais, sabe?

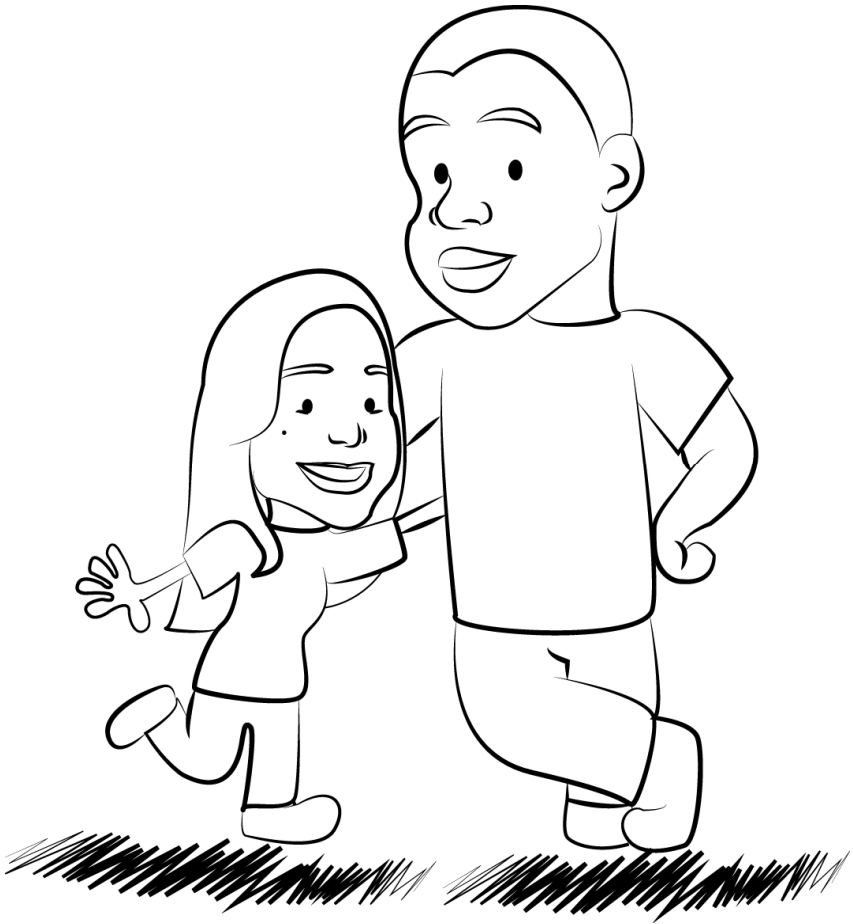
Tem uma história que chega a ser engraçada. Nas férias de julho e de dezembro, eles sempre me levavam para viajar. E em uma dessas viagens para Barbacena, para visitar a família, passamos por uma cidade chamada Santos Drummond.

E ela me contou que ali havia nascido o pai da aviação, por isso recebia aquele nome. E mais: que tinha um museu super legal que contava toda a história dele. Fiquei bem curioso para saber como era. Minha avó disse que antes de morrer me levaria lá.

Hoje tenho vinte e dois anos e nunca fui conhecer o Museu da Aviação, não tenho a mínima vontade de chegar sequer próximo dele. Se Dona Sandra disse que antes de morrer eu conheceria, eu não irei. Coloquei na minha cabeça quando criança, que se

eu não fosse até lá, ela viveria para sempre. Vai entender, né?

A MELHOR AMIGA



É bem comum ouvirmos das pessoas que quando se tem uma amizade com pessoas do sexo oposto, sempre há segundas intenções. Sabe que eu acho que nem sempre era assim?

Eu quando entrei no primário - chorava todos os dias para ir para a aula -, conheci uma pessoa que, até hoje, colocaria minha mão no fogo por ela. Uma amizade que perdura até hoje e que tenho a maior certeza do mundo que vai durar para o resto da vida. São tantas lembranças e momentos que passamos juntos, que não é à toa que rimos de tudo, todas as vezes em que nos encontramos.

Ela sempre teve uma característica que a definia para qualquer pessoa que a conhecesse: branca, cabelos negros e longos, baixinha, sorridente, simpática e a sua famosa pinta na bochecha. Alynne Antonia Moraes Santana. Aí de mim se escrevesse o nome dela errado, levava um sermão daqueles na certa. Onde já se viu o melhor amigo esquecer como se escreve o nome?

Na escolinha sempre fazíamos os trabalhos juntos, nas excursões sempre estávamos um do lado do outro, nas festas juninas sempre formávamos parzinho. Ou seja, estávamos sempre grudados um no outro.

As pessoas costumavam dizer que, quando crescêssemos, seríamos namorados, mas sempre soubemos que não. Sabe aquele tipo de amizade que conta tudo para o outro, até mesmo o que os nossos pais não sabem? Era exatamente o nosso nível de intimidade. Ela me pedia conselhos, assim como também sempre me explicava sobre como funcionava a cabeça das mulheres.

Quando entramos no colégio, fazíamos de tudo para ficarmos sempre na mesma sala. Confesso que até tentavam nos separar. Mas era só chorar um pouco com nossos pais que eles iam até a escola e pedia para que ficássemos juntos, para que pudéssemos estudar, fazer os trabalhos em dupla, sempre que necessário. E claro, fofocar o tempo

todo. Na verdade, esse era o motivo pelo qual queriam nos separar (risos).

Quando falo dela, me recordo de um fato bem curioso. Eu sempre odiei participar do famoso Amigo Secreto, conhecido também como Amigo Oculito. Era o fim ter que me integrar a essas brincadeiras. Eu sempre tive o azar de sortear alguém com quem não tinha afinidade. Detestava aquela cena de entregar os presentes, falar mil e uma coisas do suposto amigo e ainda terminar a ceninha com um abraço. Porém, na última brincadeira como essa que fizemos na escola, a Alynne foi a pessoa que me entregou o presente. Dei graças a Deus, porque ela sabia do que eu gostava ou não, o que combinava ou não comigo.

Ganhei um livro que nem ela mesma tinha lido, mas que contava a história de um casal de amigos que se conheceu na escola e manteve a amizade por longos anos. E não é que parecia que aquele livro tinha sido escrito para nós?

Hoje, por conta da nossa rotina, cada um seguiu sua carreira profissional, o que nos causou a ausência dos nossos encontros diários. Ela, engenheira de produção, atua numa empresa em outra cidade. Eu sigo a minha vida de jornalista, blogueiro, colunista social, assessor de imprensa, rato de balada, resumindo.... bombril (risos).

E detalhe: nunca tivemos nada além de uma boa e bela amizade. Sou padrinho de casamento dela, e, inclusive, fui o cupido dessa união que a faz tão feliz. Já que era amigo, sabia que tipo de pessoa eu poderia apresentar para ela. E deu certo!

O SONHO DE CRIANÇA



Se tem uma coisa que é clichê e que toda criança odeia é o primeiro dia de aula com a nova professora. Eu pelo menos odiava.

Aposto que o seu primeiro dia foi de ouvir a vida inteira de quem ia te ensinar algo, durante toda a aula. Parecia que ela era um super-herói e que já tinha feito mais coisas que a Liga da Justiça.

Pior que isso? A hora que ela quer conhecer os alunos. Eis então que surgem as seguintes perguntas para todos responderem: qual o seu nome? Sua idade? O que você quer ser quando crescer?

Hoje eu fico lembrando o que meus colegas de classe respondiam nessas aulas e vejo o quão patético era. Óbvio que não vou citar os nomes, porque não estou a fim de levar um processo no primeiro livro que lanço.

Em período de crise econômica não é possível inventar as profissões mais exóticas, não. É período

de estudar igual a um condenado, prestar concurso e ser feliz financeiramente.

Tinha uma louca que mal tirava seis nas notas e falava que ia ser médica. Deus que me livre, se hoje eu chegar no hospital e vê-la na sala, finjo que estou gravando o filme Tropa de Elite e peço para sair (a piada foi engraçada, vai?).

O outro colava na prova de matemática toda vez e falava que queria ser engenheiro. Oi? Imagina ele construindo a minha casa? Chuta que é macumba!

A outra mais faltava do que ia para a escola e dizia que queria ser professora. Vamos ter bom senso, né? Se bem que tem escola por aí em que professor mais falta do que vai. Ela, pelo menos, já estava treinando as licenças.

Pior que isso eram as profissões absurdas que surgiam na sala. Sabe aquela vontade de dar uns três tapas na cara da pessoa e pedir para ela acordar para a vida?

- Olá, sou a Fulana, tenho 14 anos e quando eu crescer quero ser astróloga.

- Olá, sou o Fulano, tenho 15 anos e quando crescer quero ser arqueólogo.

- Olá, sou o Sicrano, tenho 14 anos e quando crescer quero ser da NASA.

- Olá, sou o Joãozinho, tenho 13 anos e quando crescer quero ser fuzileiro naval.

- Olá, sou a Mariazinha, tenho 12 anos e quando crescer quero ser astrônoma.

Eu dava risada, sim ou com certeza? Não é que eu estivesse subestimando a pessoa. Mas gente, estudar já é complicado, imagina ser astróloga, astrônoma? Ainda mais quem era meio analfabeta, que só falava besteira e não era o nerd da sala.

Eu não vou falar o que fazem hoje, mas posso dizer e afirmar com toda a certeza que não são nada do que disseram.

Minha vez...

Olá professora, sou o Felipe Douglas (sim, era assim que eu era chamado), tenho 15 anos e quando crescer eu quero ser jornalista.

Como nessa época eu já tinha dado o primeiro beijo na boca, não tinha mais a vontade e nem precisava falar que ia ser padre.

Aliás, todo mundo falava que eu era comunicativo, que eu apresentava bem os trabalhos em público. Então, passei a acreditar que aquela era uma boa profissão para mim.

Desde então, todas as vezes eu falava que meu sonho era seguir a área de comunicação.

A minha avó que o diga. A varanda da casa dela era meu palco. Eu fazia de tudo: cantava, dançava, apresentava, me entrevistava e respondia às minhas próprias perguntas. E minha referência era o Raul Gil. Por quê? Não sei também!

Só sei que era um mega programa de plateia com apenas uma única pessoa: eu.

Se tinha uma coisa que não podia sair da minha rotina dos finais de semana era acordar bem de madrugada e assistir alguns programas de TV com que eu me identificava bastante. Na verdade eu me imaginava apresentando aqueles programas ou qualquer outro que fosse meu.

Quando todo mundo acordava em casa, guardava aquele sonho pra mim e meu dia se transformava em algo comum. Eu não queria ainda contar para todo mundo o que eu queria ser quando crescesse. Meu receio era de alguém dizer que não daria certo e o meu sonho de estar na televisão fosse para o ralo antes mesmo de tentar.

Ah... Qual era o problema? Tinha criança que sonhava em ser bombeiro, médico, astronauta, astrólogo, e tudo mais. Eu só queria aparecer na TV. Como eu queria a fama a qualquer custo, escrever uma cartinha para a Eliana e para a Xuxa

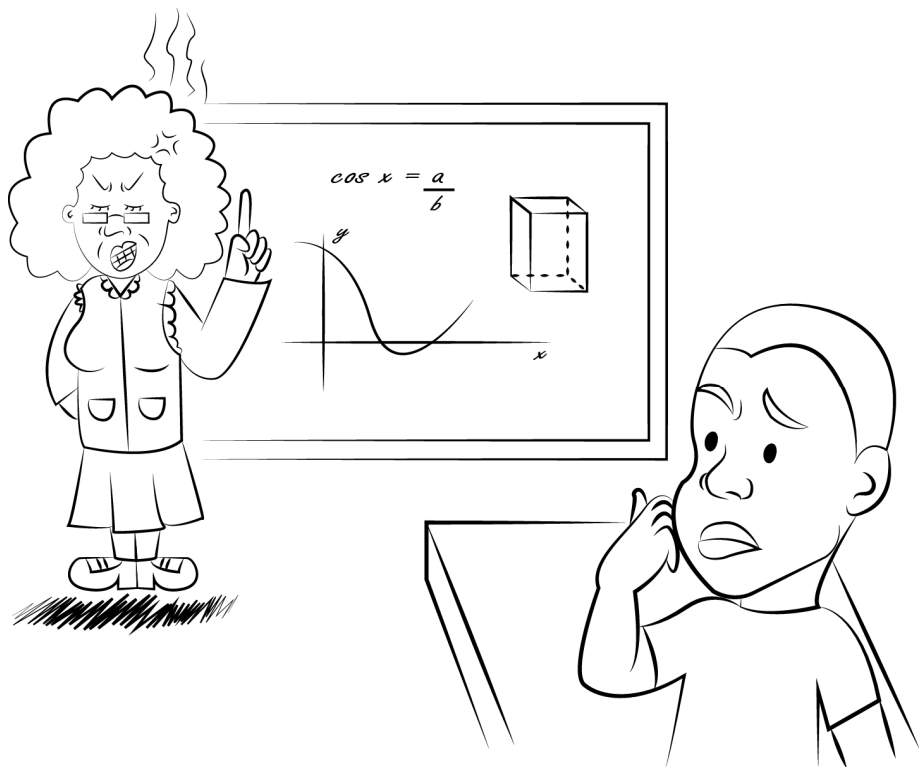
era de lei. Mas elas até hoje não foram respondidas. O porquê não sei, não tive esse sorte.

Queria até cantar no programa do Raul Gil ou dançar alguma coreografia do “É o Tchan”, para ver se o mundo inteiro descobria meus talentos. Sim... “É o Tchan”! Era a febre do momento, fazer o quê? Na pré-escola até fiz o sócia do Jacaré (não precisava ter contado, né?) Alguns amigos da família continuam me chamando de Jacarézinho!

Mas só de olhar as fotos vestido de colete com estampa de onça, shorts e tênis preto, me dá vontade de olhar no espelho e dizer: “Como você é ridículo!”. Jamais faria de novo. Dançar tudo bem, mas de Jacaré não dá. Imagine eu carregando essa fama até hoje: jornalista bailarino? Não combinava muito com quem queria apresentar um jornal sério na televisão!

Mas o que eu queria mesmo era a fama a qualquer custo!

ENSINO MÉDIO É UMA DESGRAÇA



Ensino médio é uma coisa de louco. Todos os professores insistindo para que você se inscreva nos vestibulares, vestibulinhos, concursos e afins.

A de matemática era de lei, toda aula soltava as frasezinhas motivadoras dela:

- Eu estou preparando vocês, não é nem para o vestibulinho. É para o vestibular!

- Tem aluno aqui que, se não estudar, não vai passar nem em exame de sangue!

- Se quiserem fazer as atividades, façam. Eu não preciso disso. Vocês que precisam!

Teve um dia que não aguentei. Sabe aqueles dias em que você, meu amigo leitor, acorda com o pé esquerdo? Irritado? Pois é. Estava eu mega quieto na sala, ela chega toda irritadinha e solta um dos seus sermões. Disse que quem quisesse a nota mínima para passar de ano era só levantar a mão. Afirmou ainda que não ia se preocupar com quem não quisesse mais aprender. Dito e feito.

Eu já não estava de bom humor, e muito menos era aplicado em matemática. Para não sofrer, levantei a minha mão para provocar:

- Professora, vou ser jornalista. Não vou precisar de raiz ao quadrado e de tantos números na minha vida. Depois que começar a embaralhar tudo isso na minha vida, não vejo mais necessidade. Não se preocupe comigo, quero apenas a minha nota sete para passar!

Pensem na cara que ela fez! Pensou? Foi muito engraçado!

Mas eu não ia precisar mesmo da matemática complicada na minha vida. A não ser que fosse para somar as contas para pagar. Faço isso até hoje, mas a calculadora me ajuda!

Daí em diante, vi que eu realmente levava jeito para a comunicação. Era notável: Tirava dez em Língua Portuguesa e em matemática... SETE!

Não me importava muito, só queria passar de ano para dar início à minha faculdade de jornalismo e poder por fim seguir minha carreira.

Dezembro chegou, havia passado em um dos vestibulares que prestei e já estava esperando o próximo. A verdade é que estar na faculdade, para mim, sempre foi algo meio de novela, sabe?

Ia pegar todo mundo, várias festas, conhecer pessoas novas, barzinho toda semana, dedicação total aos estudos, fazer trabalhos aos sábados e domingos e fazer apresentações embaçadas em estúdios.

FAIL...

Era só estudar bastante, porque na faculdade, também tinha prova. E sem consulta, viu?

Naqueles momentos de provas difíceis, batia aquela saudade da escola e até mesmo vontade de desistir. Mas o que me forçava a continuar era algo que não saía de mim: o sonho de ser jornalista!

POSSO BRINCAR LÁ FORA?



Quando eu era criança eu era fascinado em assistir Chaves. Digo, até hoje assisto várias vezes os mesmos episódios. Esse seriado foi o resumo da minha infância. E para melhorar - ou piorar -, eu era praticamente o Kiko da família.

Sim, era o boneco de cera de todos que cuidavam de mim, super protegido. Os vizinhos até riam às vezes, só faltava eu usar um terninho para brincar.

Eu não ficava muito na rua como toda criança, até porque a minha avó não deixava. Sempre fui criado à base de regras e uma delas era brincar com os vizinhos apenas quando tivesse alguém me olhando.

Então era de lei: chegava da escola, comia alguma coisa, assistindo Malhação, e depois era hora de brincar.

Eu e mais alguns garotos saíamos para apostar corrida de carrinho de rolemã. Eu era o famoso

“café com leite”. Porque só poderia brincar na distância de um poste ao outro, enquanto eles subiam na ponta da rua para terem impulso ao descer. Caso eu fosse, ficava uma semana de castigo.

Já não saía muito, então, não podia vacilar.

Mas eu tinha algo ao meu favor. O meu avô sempre foi muito criativo. Então, enquanto muitos pegavam pedaços de madeira e colocavam as rodinhas, o meu carrinho era todo customizado, com meu nome, freio, pedaços de pneus para não me machucar e assim saía chamando a atenção de todo mundo.

O que não podia faltar também era fazer dos chinelos algumas travas para jogarmos futebol. Eu, como sempre, como não podia tomar “friagem”, era sempre o goleiro e jogava calçado.

Deve estar com pena de mim, né? Se sim, não fique, porque eu não sabia jogar futebol. Digo, eu ainda não sei jogar futebol. E eu só ficava no gol

porque a bola era minha. Ai de alguém se falasse que eu seria o próximo. Pediria minha bola e iria para casa. Eu podia ser ruim, mas tinham que me aceitar no jogo ou eu acabava com a brincadeira.

Quem nunca fez isso, vai? Na infância não há brigas que duram por uma eternidade. Porque no dia seguinte parecia que nada havia acontecido. Todos me chamavam no portão e eu me preparava para ouvir uma resposta positiva. Pensava, pensava e pensava, mas no final a pergunta era direta e reta: “Posso brincar lá fora?”

SEMPRE ALERTA



A cidade onde fui criado é bem tradicional pelos eventos que acontecem todos os anos. A Festa do Divino Espírito Santo é uma delas. Sabe aquelas quermesses de cidades tradicionais? Era exatamente assim: várias barraquinhas, rever amigos de tempos no mesmo lugar.

Tinha o carnaval também, as escolas de samba não muito legais, mas que levavam a galera à loucura. Já até desfilei na avenida por alguns anos consecutivos.

Mas voltando ao Divino, sempre tive um contato muito próximo com essa festa. E a forma como começaram as minhas comemorações e compromisso com esse evento foi muito bacana.

Uma vez, lá quando eu tinha seis anos de idade, fui numa festa de escola, onde entre os expositores havia algumas crianças uniformizadas, meião, boné, lenço no pescoço.

- Mãe, o que é isso?

-Escoteiro, filho. Vamos lá para conhecer!

Eis que esse é o primeiro contato que tive com o movimento escoteiro. Só de falar me bate uma saudade. Porque dos meus seis anos de idade até os dezenove participei fielmente todas as semanas. Já sei... Você está se perguntando o que faz um escoteiro, né?

Simples.

O escotismo é um movimento que surgiu na Inglaterra no ano de 1910 e foi criado por Baden-Powell. Este movimento surgiu com o objetivo de oferecer diversos conhecimentos aos jovens, desenvolver princípios morais, cívicos e organizacionais.

Então eu tinha uma rotina que não gostava de quebrar, todos os fins de semana eu me encontrava na sede dos escoteiros para participar das atividades. A regra era estar Sempre Alerta!

Lá eu aprendi muitas coisas, principalmente quando se tratava de conhecimentos importantes para a vida e desenvolver algumas habilidades que eu não tinha. Sem falar nos aprendizados que tive com boas ações, sobrevivência e situações adversas.

Foram tantas coisas nessa época da minha vida. Mas o que eu tenho tranquilamente guardado na cabeça foram as vezes em que eu e meus colegas do movimento acordávamos cedo, íamos para o ponto de encontro no centro de Mogi e esperávamos o horário de entrada do desfile pela cidade, na Entrada dos Palmitos, como essa cerimônia era conhecida.

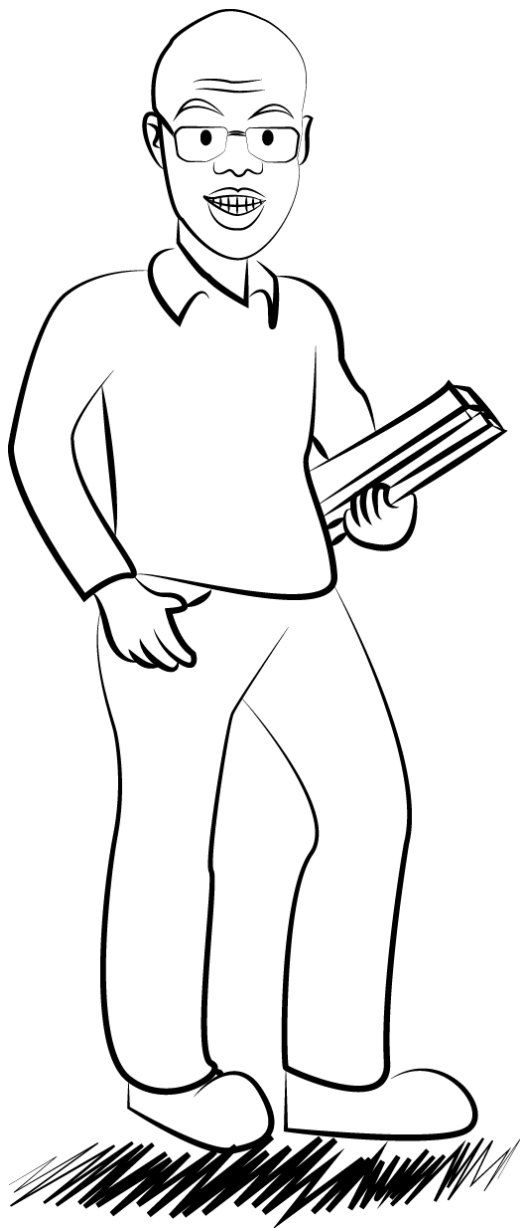
E todos os anos acontecia a mesma coisa: chegar cedo, entrar no local da fila e ir até o final, entregando as bandeirinhas da festa para todos que iam assistir.

Era uma atitude tão simples, mas que marcou a minha infância. Todo mundo queria saber porque

eu usava aquele uniforme, meião, fivela dourada, lenço no pescoço, todo engomadinho. Eu não sabia ao certo o porquê. Eu era criança, poxa! Mas hoje vejo o quanto me ajudou a ser o que sou hoje.

O aprendizado foi perfeito. Até mesmo os acampamentos que fazia, tirando o medo das aranhas, cobras e outros animais que avistava no meio do mato. Mas o intuito era estar sempre alerta!

**ENTREI NA FACULDADE! SOU O
FODÃO!**



Quando qualquer adolescente sai do ensino médio, uma das coisas que ele pensa é fazer dezoito anos e tirar a habilitação para poder dirigir e também entrar na faculdade.

Eu achava que quando me tornasse universitário e maior de idade, eu ia ser o cara mais fodão do mundo, como um super-herói. Toda semana iria me encontrar nos barzinhos, conhecer diversas pessoas diferentes, ir a festas com a galera da faculdade, fazer o que me desse na telha, vestir cada dia uma roupa diferente, uma mais elegante que a outra.

FAIL...

Nem tudo foi como eu pensei, porque a partir desse momento, eu tinha que trabalhar e pagar minhas contas. Ou seja, comecei a dar valor ao dinheiro e a não desperdiçar com qualquer coisa.

Ou seja, aquela ilusão de faculdade *Made In America* acabou na primeira fatura que tive que pagar.

Mas, na minha cabeça, continuava achando que eu era a última bolacha do pacote, me sentindo o único universitário da face da terra. Mas isso também durou pouco: quando vi tudo o que recebia para a mensalidade, livros, xerox, gasolina para poder ir estudar e tudo o que tinha a obrigação de ter.

Mas foi nesse momento que deixei para trás o famosinho Felipe Douglas da escola e passei a ser o futuro jornalista Felipe Ruffino. E aí de quem me chamasse pelo antigo nome na rua ou em qualquer outro lugar. Eu não respondia e não olho até hoje.

Aquele menino de antes era alvo de brincadeiras na escola e eu não podia aceitar que continuasse. Tinha que fingir que iria substituir o William Bonner no Jornal Nacional.

E não é que funcionou?

Geral hoje me vê como um jornalista importante. Aliás, talvez isso que me fez ter diversas oportunidades na área. Impor respeito é o que

sugiro para todas as pessoas, independentemente do que ela seja.

Talvez esta seja uma das coisas que sejam necessárias para realizarmos os nossos sonhos e termos metas.

Sou super suspeito em dizer qualquer coisa. Há quem diga que jornalismo não dá mais futuro ou que é preciso ter alguém influente na família para termos sucesso na área.

Digo e repito que é pura ilusão. Porque sempre fui atrás dos meus ideais e consegui. E é o que sugiro a você, meu amigo leitor! Uma dica que te dou é que não desista.

Nada é difícil, são tantas oportunidades que aparecem em nossas vidas que depois viram histórias para serem lembradas com felicidade. Assim como são as minhas. E se eu fosse contar todas elas, seriam necessárias inúmeras páginas para contar.

Aliás, tive uma ideia:

Em um futuro bem próximo, contarei a você algumas coisas que aconteceram na faculdade, na profissão e na minha vida pessoal. Hoje não, porque senão até minha mãe vai cair durinha no chão quando ler (risos)!

Até breve!

Felipe Ruffino